

DEPOIMENTOS

Extratvismo de andiroba

“Quando implantamos esse projeto, nós não tínhamos essa semente aqui, aí não dava para comercializar. Foi aí que o pessoal do IBAMA organizou um sistema de manejo e hoje temos a andiroba aqui na nossa terra. Agora a gente consegue extrair o óleo e temos até um sistema de cooperativa para a venda. A vida de todo mundo melhorou aqui.” (Marcilene da Silva Costa – moradora da comunidade de São Domingos, na Flona do Tapajós. A produção de óleos vegetais é uma prática tradicional dos povos da Amazônia. Na Flona, a andiroba e a copaíba são as espécies exploradas pelos moradores da comunidade de São Domingos. A diferença é que esta extração está sendo acompanhada por um plano de manejo aprovado pelas autoridades ambientais. O óleo de andiroba combate o reumatismo, inflamações cutâneas, luxações e sinusites. Sua produção é resultado de um trabalho conjunto: os homens entram na mata, colhem as sementes e entregam para as mulheres processarem).

Várzea

“A gente faz o seguinte, nós saímos em grupo de cinco pessoas para contar pirarucu. Aí a gente procura os casais de pirarucu. A gente verifica e puxa o tamanho exatamente para saber o tamanho do peixe. Puxamos os peixes, medimos e anotamos. Com isso, nós temos descoberto que é muito importante esse trabalho. No mês passado, nos conferimos 45 casais de pirarucu e tem um total de 5 mil filhotes e isso nós sabemos que está dando um bom resultado por causa do manejo. Antes, nós pegávamos todo o tamanho de peixe, não tinha classificação, era pequeno, era grande, eram todos que a gente pescava” (Manoel de Oliveira, pescador da Ilha de São Miguel, que hoje participa do Projeto Várzea. Orientados pelos técnicos do projeto, os pescadores da Ilha de São Miguel aprenderam a fazer o manejo do pirarucu. A contagem da espécie determina a cota de cada um na temporada de pesca.)

“A gente tem que trabalhar a várzea de forma integrada, pois lá a gente tem a pesca, a pecuária, a agricultura e a floresta. Além disso, o trabalho envolve organização porque as pessoas vão atrás de seus interesses individuais e o resultado é um desastre coletivo quando acaba o recurso. Os acordos de pesca dessa região são um pouco parecidos com o trabalho de Chico Mendes nas reservas extrativistas dos seringueiros. No caso dos seringueiros, era o desmatamento dos seringais, aqui na várzea o problema era o crescimento da pesca comercial e o esgotamento da pesca dos lagos.” (David McGrath, coordenador do Projeto Várzea. Segundo os pesquisadores, a produtividade dos lagos manejados é quatro vezes maior do que em lagos onde não há trabalhos de manejo. Aproximadamente, 8% do pescado de água doce do mundo vêm da Amazônia. São milhões de pessoas que dependem direta e indiretamente da pesca.)

Agrobiodiversidade

“Sobre a questão ambiental, eu vejo que esses consórcios já são um negócio bom de início. Mas, para as futuras gerações, será de grande importância. Porque nós entramos primeiro com o desmate da natureza nativa e própria, sem pensar no futuro, porque não tínhamos noção do que poderia acontecer: que haveria falta de água, lenha, frutas e outras coisas mais. Essa programação de trabalhar com reflorestamento consorciado é muito boa porque, como benefício financeiro, tivemos rapidamente a produção de cupuaçu, além disso, só o bem que estamos fazendo para o meio ambiente, protegendo a terra, o clima, a chuva, não tem preço.” (Roque, morador da linha 192, lado norte da BR 364 – que liga Cuiabá (Mato Grosso) a Porto Velho (Rondônia), participa do projeto Sistemas Agroflorestrais, da Apruram – Associação dos Produtores Rurais Rolimourense para Ajuda Mútua. O projeto recebe apoio do PDA – Subprograma das Florestas Tropicais do Brasil, do Ministério do Meio Ambiente)

“Onde tem o consórcio agroflorestal, a terra é fresca, o clima saudável, a renda segura, e tem abrigo para os pássaros e animais. Uma terra totalmente desmatada é uma terra sem vida.”
(Aninha, moradora da linha 180, lado sul da BR 364 e também participante do projeto)